

4

A perspectiva crística da paz: *sim-patia* e não *a-patia*

A partir dos dados levantados e da reflexão feita no capítulo anterior, podemos afirmar que a paz é um tema central na vida de Jesus,¹ seja em sua pregação, seja em seus atos. Em suma, em toda a sua atividade como Messias Salvador, a paz coloca-se como um elemento do Reino, como um testemunho de sua vinda² e do modo de viver de acordo com o projeto desse mesmo Reino. Ela se situa no centro de sua pregação, e torna-se a expressão do dom do Ressuscitado à Igreja e toda humanidade.³ Essa íntima relação com o Messianismo de Jesus é que confere ao tema da paz os matizes teológicos que nos permitem desenvolver alguns pontos para uma reflexão sistemática sobre a paz. Como um elemento da fé cristã e como um dom de Deus, em Jesus Cristo, ela evoca a responsabilidade dos cristãos no desafio de fazer acontecer a paz.⁴

Neste capítulo, veremos como a paz (*eirene*), ainda inserida em toda a tradição que o termo hebraico *shalôm* expressa em seus múltiplos sentidos, recebe na literatura do NT novos sentidos teológicos à partir da nova realidade: o modo de vida na perspectiva do Reino anunciado e instaurado por Jesus Cristo.

Metodologicamente, vamos elencar os matizes teológicos da paz divididos em duas partes, seguindo o esquema clássico da obra da Revelação trazida por Jesus: a imagem do Pai e a imagem do ser humano. Como Filho ele nos revela quem é o Pai e, ao mesmo tempo, por sua humanidade, nos revela como ser filhos

¹ Cf. R. COSTE. **Théologie da la paix**. Paris: Éd. Du Cerf, 1997, p. 118, pela comparação entre as expressões “Evangelho da paz” (Ef 6,15) e “Evangelho de Deus” (Rm 1,1), há uma equivalência entre elas, de modo que ambas nomeiam o mesmo Evangelho. Dessa comparação, pode-se afirmar que “a paz é o centro da mensagem evangélica e que ela constitui uma de suas características principais”.

² Cf. W. KASPER. **Jesus, el Cristo**. Salamanca: Sigueme, sexta edición, 1986, p. 87-88.

³ R. COSTE, op. cit. p. 81

⁴ Cf. idem, p. 82

desse Pai. Revela-nos, então o Pai de Amor e de Paz, e como corresponder a esse amor e a essa paz.⁵

Contudo, antes de entrar nessa temática e para melhor perceber a novidade trazida por Jesus Cristo com relação ao tema da paz, vamos expor brevemente alguns pontos sobre o que poderíamos chamar de antecedentes ao tema da paz no NT. Assim, veremos o significado da paz (*eirene*) na perspectiva grega; em seguida, seu uso na versão da LXX; finalmente, veremos também os sentidos de *shalôm* na literatura rabínica; até chegar aos sentidos da paz nos escritos do NT.

4.1.

Antecedentes aos escritos do Novo Testamento

Esses dados antecedentes se referem não apenas ao uso comum e bíblico de *eirene*, como também de *shalôm* pela literatura rabínica.

Com relação ao termo grego, apresentaremos, brevemente, o significado de *eirene* em sua origem grega, ou seja, seus sentidos “originais”. Posteriormente, veremos como esse termo entra na perspectiva da paz bíblica, pela sua utilização na versão grega da Septuaginta (LXX). Com isso, no próprio AT, podemos perceber as mudanças sofridas por *eirene* ao assumir os sentidos do substantivo *shalôm*. Outro ponto que devemos observar, como antecedente ao NT, são os novos sentidos de *shalôm* em seu uso na literatura rabínica, que, de certo modo, exercerão influência nas comunidades cristãs e na teologia posterior.

4.1.1.

O significado primário de *eirene*

Por significado primário de *eirene* entendemos o seu uso na literatura grega anterior e contemporânea aos escritos do NT. Assim sendo, para configurar esse

⁵ “Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime.” Concílio Ecumênico Vaticano II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje, nº 22. In: **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. [organização geral Lourenço Costa; tradução Tipografia Poliglota Vaticana] São Paulo: Paulus, 1997, p. 563.

significado primário nos basearemos em W. FOERSTER,⁶ G. ZAMPAGLIONE,⁷ H. BECK; C. BROWN⁸ e L. PRESTIPINO.⁹

Segundo esses autores, a característica principal do termo *eirene*, em sua concepção grega, é a referência a um estado: o estado de paz, ou o tempo de paz. Por isso, *eirene* designa fundamentalmente o estado de paz em contraposição ao tempo de guerra,¹⁰ ou o término desta, tendo como base a concepção de “condição de tranqüilidade”.¹¹ Pode ainda designar o estado oposto ao de irrequietude ou agitação,¹² estado onde impera a ordem e a lei, no qual o ser humano atinge a prosperidade.¹³ Estes sentidos de *eirene* estariam em conexão com sua etimologia, segundo a qual a paz se refere ao repouso, à serenidade e à tranqüilidade, o que é possível pela ausência de conflitos.¹⁴

Vale observar que havia também um sentido religioso de *eirene*. Este designava a certeza da proteção divina, na qual a paz seria uma dádiva de um estado de paz de espírito, de tranqüilidade e serenidade.¹⁵

Como exemplo de uma reflexão baseada nos significados descritos acima, podemos citar a identificação de *eirene* com as aspirações da especulação filosófica dos estóicos.¹⁶ Para estes, *eirene* designava a “condição de ânimo” do homem virtuoso.¹⁷ A virtude - a vida segundo a razão - consistia na atitude fundamental de apatia (*apátheia*), ou seja, o distanciamento e anulação de toda e qualquer paixão, entendida como aquelas coisas que ligam a alma ao corpo e a impedem de alcançar o *Logos* (elemento primordial do cosmo). Esse estado de

⁶ W. FOERSTER. *Il concetto greco di eirene..* In: G. KITTEL; G. FRIEDRICH. **Grande Lessico del Nuovo Testamento**. Vol. II. Brescia: Paidea, 1967, col.191-195.

⁷ G. ZAMPAGLIONI. **L'idea della pace nel mondo antico**. Torino: ERI, 1967, p. 28-31.

⁸ H. BECK, C. BROWN. *Paz*. In: C. BROWN. **O Novo Dicionário de Teologia do Novo Testamento**. Vol. III. 3ª ed., São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 1592.

⁹ L. PRESTIPINO. **L'idea della pace dal mondo antico a oggi**. Disponível em: <<http://digilander.iol.it/rivistazetesis/Pace/Inizio.htm>>. Acesso em: 16 nov. 2001.

¹⁰ W. FOERSTER, op. cit. col. 193.

¹¹ Idem, ibidem.

¹² Idem, ibidem.

¹³ Cf. H. BECK, C. BROWN, op. cit. p. 1592..

¹⁴ G. ZAMPAGLIONE, op. cit. p. 28.

¹⁵ Idem, p. 31.

¹⁶ Movimento filosófico iniciado no final do século IV a. C. e que durou até o século III d.C. Cf. B. MONDIN. **Curso de Filosofia. Os filósofos do Ocidente**. Vol. 1, 7ª ed., São Paulo: Paulus, 1982, pp. 109-113.

¹⁷ W. FOERSTER, op. cit. col. 194.

alma era visto como uma conquista individual do sábio¹⁸, que buscava dentro de si o estado de paz.

Nessa visão, o homem virtuoso é o “homem pacífico (*eirenikos*)”, aquele que, além de se opor ao belicoso (*polemikos*), busca, numa vida sem conflitos, seja externa ou internamente, e no domínio de sua vontade, tornar a alma inacessível a qualquer perturbação ou paixão, encontrando assim o perfeito estado de paz: *apatia*¹⁹.

Pelos dados apresentados no capítulo anterior, podemos ver como o modo de ser da pessoa que pauta sua vida pela paz trazida por Jesus Cristo supera esse pacifismo descrito acima. Contra essa visão, a mensagem do Evangelho coloca o imperativo da paz não como *apatia*, mas sim como *simpatia*, ou seja, a aproximação com os outros, um movimento que se caracteriza por “sentir com o outro”. Este foi o modo de vida vivido por Jesus. Sobre isso, voltaremos a falar mais adiante.

4.1.2.

O termo *eirene* na tradução grega da Septuaginta²⁰

Na tradução do texto hebraico da Bíblia para o grego foram utilizados vários termos desta língua na tentativa de dar conta de todo o rico conteúdo semântico de *shalôm*.²¹ Contudo, mesmo não sendo o único termo utilizado,²² *eirene* tornou-se o mais adequado para a tradução na versão dos LXX. E por esse constante emprego, vamos perceber que *eirene* acabou por assimilar o conteúdo semântico

¹⁸ Cf. L. PRESTIPINO, op. cit. p. 8.

¹⁹ “Estado de indiferença e de passividade afetiva no qual desaparece toda iniciativa.” Cf. *apatia*. In: H. JAPIASSÚ; D. MARCONDES. **Dicionário básico de filosofia**. 3ª. ed., rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996, p.13.

²⁰ Esta versão, chamada também de “versão dos LXX”, é uma tradução do texto hebraico do AT para o grego, feita para os judeus da diáspora, que tinham o grego como língua corrente. Iniciada em Alexandria, em meados do século III a.C., onde foi feita primeiramente a tradução do Pentateuco e de alguns livros. Na Palestina foi feita a tradução dos livros restantes, o que durou até o final do século II a.C. Cf. J. De FRAINE. *Setenta*. In: A. VAN DEN BORN (red.) **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. 3ª. ed., Petrópolis: Vozes, 1971, col.1424-1430. Sobre a questão de traduções e versões do texto bíblico, ver: J. T. BARRERA. **A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia**. Petrópolis: Vozes, 1996. Aqui, p. 353-357.

²¹ Esse rico conteúdo semântico foi exposto no primeiro capítulo deste trabalho. Sobre os termos gregos utilizados para traduzir *shalôm*, ver: W. FOERSTER, op. cit. cols. 212-213.

²² Cf. H. BECK; C. BROWN, op. cit. p. 1593

do termo *shalôm*. Ou seja, na versão dos LXX surgem novos contextos para o termo *eirene*, nos quais ele amplia seu sentido de “estado de tranquilidade”.²³

Em todo esse processo de tradução, há uma dialética entre o sentido original de *eirene* e aqueles próprios de *shalôm*. Assim, em certos casos o sentido grego é mantido, principalmente nos casos onde *shalôm* designava o estado de oposição à guerra.²⁴ Mas, em outros textos, podemos perceber como *eirene* amplia seu sentido original²⁵ e se aproxima do sentido de bem-estar proporcionado pela benevolência de Deus,²⁶ ou mesmo do estado de saúde da pessoa, sentidos mais genérico de *shalôm*.²⁷

Como outros exemplos dos novos sentidos designados por *eirene* na versão da LXX, temos: o bem concreto de uma vida feliz,²⁸ o bem como ideal do homem sábio,²⁹ estendendo-se ao bem em sentido ético,³⁰ enfim, em conexão com a “benção de Deus”,³¹ chegando até o ponto de designar o bem como dom de Deus.³²

Pelos exemplos acima, vemos que na LXX, o termo *eirene* adquire um conceito mais positivo do que simplesmente a ausência de guerra ou um estado de tranquilidade, passando a designar também o estado de bem-estar, de saúde e de integridade da pessoa.³³ Em síntese, na perspectiva da paz bíblica, o termo grego assume em si sentidos que envolvem a complexidade da vida humana e, superando um estado de apatia, se aproxima de realidades concretas das pessoas, das suas necessidades e aspirações. Estados inseridos no movimento dinâmico da vida e da história, onde, necessariamente, o envolver-se com os outros é algo do cotidiano.

²³ W. FOERSTER, op. cit., col. 207.

²⁴ Como em Jz 4,17; 1Cr 22,9; Is 14,30. Cf. W. FOERSTER, op. cit. col. 208.

²⁵ Como no caso de Zc 8,12 onde o fruto da vinha, os produtos da terra, bem como o orvalho não são conseqüências de um estado de tranquilidade, mas, como os dons da “paz divina” dão a dimensão do que seja essa paz: um dom de Deus. Cf. W. FOERSTER, op. cit. col. 208.

²⁶ Como a situação descrita em Lv 26,3-13. Cf. H. BECK; C. BROWN, op. cit. p. 1593.

²⁷ W. FOERSTER op. cit. col. 209.

²⁸ W. FOERSTER op. cit. col. 210. Cf. Sl 35,27; 122,8.

²⁹ W. FOERSTER op. cit. col. 210. Cf. Pr 3,1s.17.

³⁰ W. FOERSTER op. cit. col. 211. Cf. Sl 34,15.

³¹ Cf. Nm 6,26; Lv, 26,6.

³² W. FOERSTER op. cit. col. 211. Cf. Is 45,7.

³³ W. FOERSTER op. cit. col. 211.

4.1.3. Os novos sentidos de *shalôm* na literatura rabínica

Na literatura rabínica, de modo geral, o amplo uso do termo *shalôm* segue a mesma tradição dos escritos do AT:³⁴ saudação, resposta à saudação, a boa saúde, o próprio dom de Deus dado ao povo.³⁵ Entretanto, vale observar que dois aspectos se destacam como sentidos próprios de *shalôm* dentro da literatura rabínica.

O primeiro sentido está no contexto dos relacionamentos humanos, especificamente entre indivíduos, designando a iniciativa de dissolução da discórdia entre as pessoas. Assim, o termo *shalôm* usado para designar a obra daquele que insere a paz entre os homens; efetivamente, entre pessoas que estão em discórdia.³⁶ Num sentido mais positivo, *shalôm* designa a superação de toda e qualquer situação de dissídio,³⁷ e o estabelecimento da paz entre duas pessoas.³⁸

O outro sentido que, de certo modo, está em conexão com o anterior é o uso do termo *shalôm* para designar o relacionamento entre Deus e o homem.³⁹ Este sentido designa, mais precisamente, o restabelecimento da harmonia entre Deus e o ser humano, ou seja, a superação de um “conflito”, fruto do pecado, e a volta da paz entre Deus e o homem. O termo *shalôm* passa a designar, assim, a paz como a harmonia espiritual.

Segundo W. FOERSTER, não se encontra nos livros do AT nenhum paralelo desse emprego do termo *shalôm*, representando uma nova “esfera semântica” desse termo.⁴⁰

Como veremos adiante, estes sentidos terão influência na concepção da paz na perspectiva das comunidades cristãs. Essa perspectiva pode ser vista no uso do termo *eirene* nos escritos do NT, o que vamos expor a seguir.

³⁴ H. BECK; C. BROWN, op. cit. p. 1594.

³⁵ Os exemplos desses diversos usos podem ser vistos em W. FOERSTER, op. cit. cols. 213-217.

³⁶ W. FOERSTER, op. cit. col. 215.

³⁷ Idem, col. 216.

³⁸ H. BECK; C. BROWN, op. cit. p. 1594.

³⁹ W. FOERSTER, op. cit. col. 216.

⁴⁰ Idem, ibidem.

4.2. O termo *eirene* no Novo Testamento

Após termos visto o processo de inserção do termo *eirene* na perspectiva da paz bíblica, pelo seu uso na versão da LXX, bem como os novos sentidos de *shalôm* na literatura rabínica, chegamos aos escritos do NT, onde iremos ver a presença e o uso de termo grego em seus escritos.

Nos variados modos pelos quais é usado no NT, o termo *eirene* possui diversas aplicações e significados. Com isso, este termo continua a ter alguns sentidos que já tinha na versão da LXX. Porém, veremos certos casos em que ele recebe sentidos com matizes da fé e experiência cristãs.

Vale observar que nossa intenção não é a de fazer uma análise de todas as ocorrências do termo *eirene* em todos os livros do NT, mesmo porque isso acabaria por extrapolar os limites desta dissertação, assim como correríamos o risco de perder o rumo de nosso estudo. Portanto, nossa pesquisa abordará algumas passagens do NT que nos permitirão perceber a relação entre a paz e o Messianismo de Jesus, ou seja, onde o termo *eirene* é enriquecido com o sentido cristão de paz. Seguindo o mesmo método utilizado no estudo da complexidade de sentidos do termo *shalôm* no AT, observaremos aqui, em primeiro lugar, os usos e aplicações do termo *eirene*, para a partir de seus contextos, percebermos o sentido que quer exprimir.

4.2.1. Usos e aplicações de *eirene*

De um modo geral, podemos afirmar que o Novo Testamento depende de tudo aquilo que o AT concebe como sendo a paz.⁴¹ Portanto, o termo *eirene* segue uma continuidade semântica com o termo *shalôm*. O mesmo se pode dizer em certos casos com relação à literatura rabínica.⁴²

⁴¹ J. RADERMAKERS. *Paz.*, In: P.-M. BORGAERT *et al.*. **Diccionario Enciclopédico de la Biblia**. Barcelona: Editorial Herder, 1993, p. 1194. S. AUSEJO. *Paz*. In: _____. **Diccionario de la Biblia**. 8ª ed., Barcelona: Editorial Herder, 1981, col. 1467. H. BECK; C. BROWN, op. cit. p. 1595.

⁴² W. FOERSTER, op. cit. col. 219.

Essa continuidade de sentidos pode ser percebida nas situações e contextos onde o termo *eirene* é empregado: como saudação;⁴³ na abertura de uma carta ou epístola, onde é freqüente o uso da expressão “graça e paz”;⁴⁴ ou ainda, no sentido de andar, voltar ou ficar “em paz”;⁴⁵ também como segurança⁴⁶ ou em uma situação contrária à desordem.⁴⁷ Por fim, ainda há os casos onde *eirene*, num sentido bem mais próximo da sua origem grega,⁴⁸ designa simplesmente a paz enquanto estado contrário ao da guerra.⁴⁹

Todavia, os casos vistos acima não expressam o principal sentido de *eirene* no NT. Pelo fato deste termo ainda conservar uma conexão com sua origem grega, bem como com a evolução semântica recebida pela tradução do hebraico *shalôm*, que, naturalmente, estão presentes nos textos do NT, isso não quer dizer que a experiência de fé advinda do encontro com Jesus Cristo não tenha também deixado marcas no modo como os cristãos passaram a perceber e interpretar o tema da paz, expressa também pelo termo *eirene*.

Assim, na seção seguinte, veremos como esse termo recebe novos sentidos advindos de sua relação com Jesus Cristo.

4.2.2. O uso religioso de eirene

A expressão “uso religioso” é usada por W. FOERSTER quando analisa o conteúdo de *eirene* em seu uso geral no NT. Logo, segundo este autor, podemos interpretar esse uso religioso de três modos:⁵⁰

⁴³ W. FOERSTER, op. cit. col. 219. J. L. MCKENZIE. *Paz*. In: _____. **Dicionário Bíblico**. 5^a ed., São Paulo: Paulus, 1983, p. 705. Como saudação de encontro: Mt 10,12s; Lc 10,5; 24,36; Jo 20,19.21.26; como de despedida: Mc 5,34; Lc 7,50; Lc 8,48; At 15,33.

⁴⁴ Rm 1,7; 1Cor 1,3; 1Pd 1,2; Ap 1,4; 2Cor 1,2; Gl 1,3; Ef 1,2; Fl 1,2; Cl 1,2; 1Ts 1,1; 2 Ts 1,2; 1Tm 1,2; 2Tm 1,2; Tt 1,4; Fm 1,3; 2Pd 1,2; 2Jo 3 (às vezes a saudação está no final da carta: 1Pd 5,14; 3Jo 15). Cf. W. FOERSTER, op. cit. col. 220, essa expressão é uma forma comum no contexto hebreu-aramaico.

⁴⁵ Lc 2,29; At 15,33 e 1Cor 16,11. As expressões “despede o teu servo, Soberano, em paz”, “os despediram, desejando-lhes a paz” e “voltar em paz”, estão em referência com a fórmula do AT “em paz” (Gn 28,21; Js 10,24; 1Sm 20,13 e outras passagens), cf. W. FOERSTER, op. cit. col. 220.

⁴⁶ Cf. Lc 11,21; 1Ts 5,3. W. FOERSTER, op. cit. col. 221. H. BECK; C. BROWN, op. cit. p. 1595.

⁴⁷ Cf. 1Cor 14,33. H. BECK; C. BROWN, op. cit. p. 1595.

⁴⁸ H. BECK; C. BROWN, op. cit. p. 1595.

⁴⁹ Mt 10,34; Lc 14,32; At 12,20; 24,2; Ap 6,4 (ou ao tempo de perseguição: At 9,31). Cf. H. BECK; C. BROWN, op. cit. p. 1595. W. FOERSTER, op. cit. col. 221.

⁵⁰ W. FOERSTER, op. cit. col. 222.

- a) Um sentido psicológico, no qual *eirene* expressa a paz e tranquilidade interior, a paz de espírito;
- b) *Eirene* como o estado da pessoa que está em paz com Deus, ou seja, reconciliado com Deus, onde nada perturba sua relação com Ele;
- c) Por fim, *eirene* como conceito escatológico, designando o “estado de salvação” do homem todo, por inteiro.

Ainda segundo W. FOERSTER, apesar das três interpretações encontrarem sustentação nos textos do NT, a terceira, na realidade, apresenta o fundamento das duas outras. Pois tanto a paz de espírito quanto a paz com Deus são frutos daquela paz instaurada pela obra salvífica de Jesus Cristo,⁵¹ não são conseqüências de uma ordem natural, como algo efêmero ou acidental, mas realidades escatológicas.

As três interpretações acima nos dão uma idéia geral do uso religioso de *eirene* no NT. Esse uso se apresenta como uma novidade em relação aos usos e aplicações de *eirene* vistos anteriormente. Resta, então, ver a razão desse novo conteúdo do termo grego, o que levou os escritos do NT a aplicarem estes novos sentidos à idéia da paz.

Para uma análise da paz na perspectiva da obra salvífica de Jesus Cristo, podemos fazer um levantamento dos casos onde o termo *eirene* aparece no NT.⁵² Além dos casos encontrados nos Evangelhos, estudados no capítulo anterior, podemos destacar os seguintes contextos:

- Como o dom ou fruto do Espírito Santo que conduz a Cristo;⁵³
- Como a designação “Evangelho da paz”;⁵⁴
- Relacionada ao próprio Jesus;⁵⁵
- Como paz com Deus ou paz em Deus;⁵⁶
- Designando o Reino de Deus como “Reino de paz”;⁵⁷

⁵¹ Idem, col. 223.

⁵² Cf. V. HASLER. *eirene*. In: H. BALZ, G. SCHNEIDER (eds.). **Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento I**. Salamanca: Sigueme, 1996, col. 1201, o termo *eirene* é usado 92 vezes no NT, 25 estão nos Evangelhos. Já H. BECK e C. BROWN, op. cit. p. 1595, falem em 91 ocorrências, sendo 24 nos Evangelhos.

⁵³ Rm 8,6; Gl 5,22; Ef 4,3.

⁵⁴ At 10,36; Ef 2,17; 6,15.

⁵⁵ Ef 2,14.15.

⁵⁶ Rm 5,1; 15,33; 16,20; 1Cor 7,15; 14,33; 2Cor 13,11; Fl 4,9; 1Ts 5,23; Hb 13,20.

⁵⁷ Rm 14,17.

- Como saudação epistolar, onde a graça e a paz são como dons recebidos “da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo”.⁵⁸

Podemos perceber, então, em que consiste esse “uso religioso” de *eirene* no NT: neste, na maioria dos casos, o tema da paz, quando não é posto nos lábios do próprio Jesus, como podemos ver nos Evangelhos, está direta ou indiretamente ligado a sua Pessoa ou a sua Missão.

Assim, podemos concluir que o evento Jesus Cristo dá um novo sentido à paz bíblica no NT. Ele é o centro em torno do qual gira o tema da paz, e nele está a realização de toda as expectativas da “paz messiânica”, com todos os seus sentidos, principalmente a esperança da salvação e da redenção.⁵⁹ Em suma, podemos dizer que, justamente, em sua obra de Redenção-salvação é que a paz vai encontrar seu sentido pleno e definitivo, como o cumprimento de toda a expectativa vétero-testamentária⁶⁰ e como expressão da nova realidade escatológica.

Desse modo, podemos afirmar que, assim como o hebraico *shalôm*, o termo *eirene*, em seu uso no NT também é usado para expressar fatos do cotidiano e da vida comum, como nos casos vistos acima, bem como os elementos fundamentais da fé neo-testamentária.⁶¹ E é na perspectiva desta fé que a paz entra na dinâmica da Revelação do Deus de Jesus e da verdadeira imagem da pessoa humana, que, em última instância, vão reger a vida dos discípulos de Jesus.

A seguir veremos esses elementos que compõem a teologia da paz a partir de uma perspectiva crística.

⁵⁸ Rm 1,7; 1Cor 1,3; 1Pd 1,2; Ap 1,4; 2Cor 1,2; Gl 1,3; Ef 1,2; Fl 1,2; Cl 1,2; 1Ts 1,1; 2 Ts 1,2; 1Tm 1,2; 2Tm 1,2; Tt 1,4; Fm 1,3; 2Pd 1,2; 2Jo 3

⁵⁹ Cf. W. KASPER, op. cit. p. 46-47.

⁶⁰ Idem, p. 271. Para este autor, em Jesus Cristo, em sua pessoa, Deus implantou a *shalôm* universal. E o NT nos mostra como que Cristo nos trouxe a paz como *shalôm*, ou seja, como síntese da salvação.

⁶¹ Desse modo, podemos aplicar a *eirene* a mesma característica do termo *shalôm*, ou seja, de ser um termo presente na vida comum das pessoas e, ao mesmo tempo, impregnado de um conteúdo religioso, cf. G. von RAD. *shalôm nell'Antico Testamento*. In: G. KITTEL; G. FRIEDRICH. **Grande Lessico del Nuovo Testamento**, op. cit. col. 195.

4.3.

A paz como um atributo divino: o Deus da paz

Como já dissemos, a paz está no centro da pregação de Jesus.⁶² Desta afirmação deriva que, ao nos revelar o plano de amor do Pai, esse plano inclui a paz como promessa e dom à humanidade. Mas, ao assumir nossa humanidade, o Filho de Deus não foge às vicissitudes da história dos homens,⁶³ e sua vida se articula com a de seu povo.⁶⁴ Desse modo, para uma sociedade que deseja a liberdade e a paz,⁶⁵ mas acaba por optar pela violência, Ele anuncia e proclama o Deus do Amor e da Paz, revelando, assim, a verdadeira face do Pai, ponto de partida e fundamento para o homem superar o pecado e a violência que, muitas vezes, marcam as relações humanas.⁶⁶

Para superar a violência dos homens, da qual o próprio Jesus foi vítima, a lógica empregada será a do amor incondicional. Por amor, o Pai envia seu Filho, que por amor se entrega nas mãos dos homens para ser conduzido à morte. A essa incompreensão humana, que o conduz à paixão e à cruz, Jesus responde com seu amor, e é nessa dinâmica de amor que Ele conquista a paz para a humanidade, vencendo assim a violência e o pecado.⁶⁷ Em Cristo temos a manifestação plena do amor do Pai,⁶⁸ o “Deus de amor e de paz” (2Cor 13,11). E é por seu amor que o caminho da paz é aberto para a humanidade.⁶⁹

⁶² R. COSTE, op. cit. p. 81.

⁶³ Cf. Jo 1,14. Este texto usa o termo *sarx*, que designa justamente o homem em sua “materialidade e debilidade”. Cf. J. MATEOS; J. BARRETO. **O Evangelho de São João: análise lingüística e comentário exegético**. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 34. O termo *sarx* pode indicar também, não só a realidade da encarnação, mas a solidariedade do Filho de Deus com o gênero humano, principalmente em seu aspecto de fragilidade. Cf. B. MAGGIONI. *O Evangelho de João*. In: R. FABRIS; B. MAGGIONI. **Os Evangelhos II**. São Paulo: Loyola, 1992, p. 284-285.

⁶⁴ J. MOINGT. **El hombre que venía de Dios. Cristo en la historia de los hombres**. Vol. II. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1995, p. 25.

⁶⁵ Cf. W. KASPER, op. cit. p. 88: “A mensagem de Jesus sobre a chegada do Reino de Deus tem, pois, que entender-se no horizonte da pergunta da humanidade pela paz, a liberdade, a justiça e a vida.”

⁶⁶ Cf. afirma R. COSTE, op. cit., p. 82-83, é ao mesmo ‘povo ingrato e indócil’, que foi interpelado pelos profetas, que a Revelação de Deus em Jesus Cristo se direciona. E a “esse povo violento, tentado a imaginar um Deus violento, ele vai propor um Deus que é Amor e Paz”.

⁶⁷ R. COSTE, op. cit. p. 83.

⁶⁸ O. R. ARENAS. **Jesus, epifania do amor do Pai**. Teologia da revelação. São Paulo: Loyola, 1995, p. 103.

⁶⁹ Cf. R. COSTE, op. cit. p. 83, onde afirma também que o amor é o “mais autêntico caminho da paz e que a dinâmica da paz deve ser antes de tudo uma dinâmica de amor”.

Tendo como pano de fundo essa lógica do amor e da paz, R. COSTE⁷⁰ vai trabalhar sobre a expressão “Deus da paz”,⁷¹ que, segundo esse autor, é “uma expressão favorita do corpus paulino”.⁷²

A questão principal é que o Pai aparece como a fonte do dom da paz, que nos é concedida por seu Filho (cf. 2Ts 3,16). Mesmo que já no AT a *shalôm* já fosse vista nessa perspectiva, de um dom de Deus (Sl 85,9),⁷³ a teologia do NT apresenta uma novidade na medida em que o próprio “Cristo é associado ao Pai como fonte do dom da paz”,⁷⁴ o que abre novos horizontes para uma reflexão sobre a paz no coração do Trindade.

Para R.COSTE a epístola aos Filipenses nos abre para tal horizonte, ou seja, da “paz como um atributo de Deus”.⁷⁵ Para este autor, as expressões o “Deus da paz” e a “paz de Deus”,⁷⁶ mesmo sendo uma herança do AT, devem ser vistas dentro da perspectiva da plena Revelação do Mistério de Deus em Jesus Cristo, de tal modo que essas expressões

são penetradas da fé no Deus trinitário, que nos dá a audácia de pensar a paz de Deus como o Mistério da comunhão do Amor das três divinas Pessoas. Nós somos assim introduzidos em uma teologia trinitária da paz. (...) Por amor, o Deus da paz nos faz participar do Mistério inesgotável de seu Amor e de sua Paz.⁷⁷

É claro que para chegar a tal conclusão, os teólogos do NT têm como ponto de partida a pregação de Jesus Cristo, na qual nos revela o Deus de Amor e de Paz.⁷⁸ Assim é que, de diferentes modos, essa imagem do Deus da paz vai ser trabalhada dentro da perspectiva de cada autor.

Sendo assim, o Sermão da Montanha (Mt 5-7), ou o Sermão da Planície (Lc 6,13-49), apresentam o Deus de paz e de amor,⁷⁹ cuja característica principal é o

⁷⁰ Idem, p. 84-91, sobre quem nos basearemos para desenvolver esse tema.

⁷¹ Rm 15,33; 16,20; 2Cor 13,11; Fl 4,9; 1Ts 5,23; 2Ts 3,16; Hb 13,20.

⁷² R. COSTE, op. cit. p. 84.

⁷³ Sobre a paz como um dom de Yahweh, ver: G. von RAD; W. FOERSTER. *eirene*. In: G. KITTEL; G. FRIEDRICH. **Grande Lessico del Nuovo Testamento**. Vol. III. Brescia: Paideia, 1967, col. 198-200.

⁷⁴ R. COSTE, op. cit. p. 85. Essa associação está presente nos textos onde a “graça e a paz” são referidas ao Pai e ao Filho: Rm 1,7; 1 Cor 1,3; 2 Cor 1,2; Gl 1,3; Ef 1,2; Fl 1,2; Cl 1,2; 1 Ts 1,1; 2 Ts 1,2; 1 Tm 1,2; 2 Tm 1,2; Tt 1,4; Fm 1,3; 1 Pd 1,2; 2 Pd 1,2; 2 Jo 1,3; Ap 1,4.

⁷⁵ R. COSTE, op. cit. p. 86.

⁷⁶ Cf. Fl 4,7.9. A expressão “o Deus da paz” é encontrada também em Rm 15.33; 16,20; 1Ts 5,23; Hb 13,20.

⁷⁷ R. COSTE, op. cit. p. 85.

⁷⁸ Idem, p. 86.

⁷⁹ Idem, p. 87.

amor incondicional de Deus, um amor sem limites, de total gratuidade, apresentado como a perfeição de Deus⁸⁰ (Mt 5,44-48; Lc 6,35-36). E assim como é seu amor, também é seu desejo de paz para a humanidade.

O próprio mistério da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus nos revela a face de amor e paz de Deus. A comunidade cristã vê a morte e Ressurreição de Jesus como o ato supremo de seu amor,⁸¹ seja para com o Pai, seja para com a humanidade (1Jo 3,16), e igualmente nos testifica a paz de Deus.

Nesse ato de amor, Jesus age efetivamente de acordo com o mandamento de amor: ele se abandona nas mãos dos homens, não respondendo à violência destes com violência. Do mesmo modo age o Pai, respeitando a liberdade humana, que conduz seu Filho à morte. Nessa atitude divina fica claro o contraste entre a violência dos homens e o amor de Deus. Ainda mais como a justiça divina responde a essa violência, ou seja, ressuscitando seu Filho.⁸²

A Ressurreição do Filho é a justiça de Deus a todos os crucificados da história. Ele dá nova vida ao perseguido, mas sem infligir a morte aos perseguidores. Nisto consiste sua “vingança”. Sua ação não é portanto de violência, mas de superação desta por meio da vida nova dada ao Filho, que também é oferecida aos perseguidores, pois a justiça divina só pode ser e agir como potência de vida e de paz.⁸³

Dessa forma, o “Deus amor” da literatura joanina,⁸⁴ que não deseja a morte mas sim a vida em toda a sua plenitude, é o mesmo “Deus da paz”, visto anteriormente. E assim como o amor move a Trindade em sua imanência e em sua economia salvífica, também a paz está inserida nesta dinâmica. Ou seja, o Deus, que para a fé cristã é Amor e Paz na comunhão das três divinas Pessoas, volta-se, justamente, como comunhão de amor e de paz para uma humanidade marcada pelo egoísmo e pela violência, e a convida para também viver o amor e a paz.⁸⁵

⁸⁰ Idem, *ibidem*.

⁸¹ Idem, p. 89.

⁸² Idem, p. 90.

⁸³ CF. G. BARBAGLIO. **Dios ¿violento? Lecturas de las Escrituras hebreas y cristianas.** Navarra: Verbo divino, 1992, pp. 236-237.

⁸⁴ Como exemplo citamos os textos Jo 3,16s; 1Jo 4,10

⁸⁵ R. COSTE, *op. cit.* p. 91.

Esta imagem de Deus, revelada por Jesus Cristo, é o fundamento para um novo comportamento humano. Como foi dito anteriormente, nesta imagem de Deus revelada no encontro com Jesus, o homem e a mulher percebem a verdadeira face da humanidade.⁸⁶ Vendo a nova face de Deus, vêem a do homem novo. Esse novo modo de ser homem e de ser mulher, deve ser assumido nas suas relações, vivendo assim a dinâmica neo-testamentária da paz.⁸⁷ Esse novo tipo de humanidade proposto por Jesus é o que veremos a seguir.

⁸⁶ “Enquanto destinatário da revelação, o homem é objeto dessa revelação. Enquanto destinatário do amor do Pai, chega a conhecer até as últimas conseqüências quem é ele mesmo. A verdade revelada é verdade de salvação. É justamente essa verdade que nos diz quem é o homem, fazendo-nos conhecer ao que ele é chamado;” L. F. LADARIA. **Introdução à Antropologia Teológica**. São Paulo: Loyola, 1998, p. 12.

⁸⁷ R. COSTE, op. cit. p. 119.

4.4.

A paz como expressão da nova humanidade

Nesta seção, examinaremos alguns pontos mais amplos que surgem como conseqüências da Revelação, vista acima, para a reflexão cristã. São temas que aparecem nos escritos do NT, principalmente nos de origem paulina, e que abordam justamente a questão da vivência cristã de acordo com a fé no Deus de Jesus Cristo, ou seja, uma ética marcada pela dinâmica do amor e da paz.

4.4.1.

A ética da paz e da não-violência

Iniciamos essa nossa reflexão pelo Sermão da Montanha porque encontramos no mesmo os dados fundamentais para uma teologia da paz no NT.⁸⁸ Como ponto alto da pregação de Jesus, neste Sermão estão presentes as características principais do Reino de Deus, que não se restringe somente aos cristãos, mas deve atingir a toda humanidade.⁸⁹ Na interpretação dada por R. COSTE, representa a promoção da paz em todo o mundo,⁹⁰ pois a ética proposta pelo Sermão da Montanha não deve ser restringida a uma questão pessoal, mas repercutir em toda a vida social.⁹¹

Dentre as principais características da existência cristã que o Sermão da Montanha nos apresenta, para nosso estudo sobre a paz, vale destacar como ponto central o mandamento de amor a Deus e ao próximo, cujo fundamento é justamente o modo de proceder do Deus de Jesus Cristo, ou seja, no amor e na paz.⁹² Deste mandamento, derivam duas atitudes fundamentais que expressam a ética fundada no amor e na paz: a não-violência e o amor aos inimigos.⁹³

⁸⁸ Idem, p. 91.

⁸⁹ Idem, p. 92.

⁹⁰ Idem, p. 94.

⁹¹ Idem, p. 96. Conforme também afirma M. DUMAIS: “A ética do Reino é uma ética da alteridade, visando a estabelecer, entre os humanos, relações marcadas igualmente pelo senso de gratuidade e da superabundância. A influência de semelhante ética é necessária à vitalidade, até a mera sobrevivência, de nossas sociedades.” In: **O Sermão da Montanha: Mateus 5-7**. São Paulo: Paulus, 1998, pp. 90-91.

⁹² R. COSTE. op. cit. p. 96.

⁹³ Idem, p. 99. Sobre a não-violência, vamos utilizar o texto de Mt5,38-42 que também inclui a reconciliação (Mt 5,21-26); sobre amor aos inimigos, Mt 5,43-48.

Porém, antes de entrar nessas atitudes fundamentais, vale observar alguns pontos característicos do evangelho de Mt. Neste evangelho, Jesus é visto como o novo legislador que dá ao povo um “novo mandamento”. E esse novo mandamento tem como objetivo apresentar a ortopraxis cristã,⁹⁴ isto é, o modo como o discípulo deve pautar sua vida, tanto dentro da comunidade quanto fora dela. Por isso é que em Mt é dado um acento ao fazer, ao praticar, ao cumprir o que é ensinado. Desde seu início até o fim há uma referência clara a esta necessidade,⁹⁵ o que mostra a insistência numa atitude de observar e de praticar concretamente os ensinamentos de Jesus.⁹⁶

Interessa a Mt evidenciar o novo modo de vida da comunidade de cristãos, na qual a fé se expressa por uma ética radicalmente comprometida com o modo de ser de Jesus. Dentro desse modo de ser e viver, a opção por uma atitude de não-violência e de reconciliação é uma exigência.

Sobre a não-violência, vamos nos basear principalmente no texto de Mt 5,38-42 (paralelo em Lc 6,29s), o qual nos mostra com maior clareza e de uma forma mais próxima das fontes⁹⁷ essa exigência de Jesus.

Nesse texto, cuja redação está em uma escala decrescente de intensidade, temos a “linguagem provocante e a ética radical de Jesus em assuntos de não-violência”⁹⁸. Para ressaltar esse tom provocante e radical, vale observar que as situações descritas não são alegóricas, ou metafóricas, mas situações concretas tiradas do contexto social da comunidade, tendo como pano de fundo tradições judaicas (cf. Mt 5,39b), e a própria situação da dominação romana (cf. Mt 5,41).

Sem a intenção de fazer uma exegese do texto, vale perceber qual é a mensagem que quer ser transmitida em Mt 5,38-42. Qual seria a intenção do texto? À primeira vista, ele parece dar uma instrução de passividade ou mesmo de covardia diante de uma situação de conflito; de manter uma atitude de aceitação de uma violência gradativa, ou seja, da mera inconveniência de um pedido,

⁹⁴ Cf. U. WEGNER. *Jesus nos Evangelhos Sinóticos*. In: M. F. de AQUINO (org.) **Jesus de Nazaré. Profeta da liberdade e da esperança**. São Leopoldo: UNISINOS, 1999, p. 34

⁹⁵ Como podemos ver em 5,17-19 e 28,18-20.

⁹⁶ Ver: 7,12; 7,21; 12,5; 19,7; 23,3

⁹⁷ G. LOHFINK. **Como Jesus queria as comunidades?: a dimensão social da fé cristã**. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 74. Segundo este autor, por não haver paralelo em Mc, tal texto remonta à fonte Q, sendo que Mateus teria melhor conservado o texto original.

⁹⁸ G. LOHFINK, op. cit. p. 75.

passando pela coação e ameaça, até chegar ao caso de agressão física, da brutalidade da violência.

Porém, devemos nos ater ao versículo 38, onde é colocado o mandamento que deve ser superado por uma nova atitude do discípulo de Jesus. A chamada “Lei do Talião”, que, apesar de representar em sua época uma redução da violência, ainda inseria o agredido na lógica de retribuir ao agressor o mesmo mal recebido: “olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé” (Ex 21,24).⁹⁹

De acordo com essa lei, o modo pelo qual a comunidade eliminará o mal em seu meio seria pela aplicação de uma norma legislativa baseada na proporcionalidade entre ofensa e pena. A satisfação do que foi lesado se dá pela aplicação de uma vingança de igual medida do mal sofrido.

Contudo, conforme o que dissemos acima, a instrução dada por Jesus exige a superação desse atitude que, embora seja uma evolução na superação da violência, ainda não é a justiça do Reino de paz.¹⁰⁰ Em realidade, o que deve ser superado é a falsa justiça por uma obediência à vontade de Deus.¹⁰¹ O discípulo deve buscar, portanto, a vontade de Deus, que nem sempre está presente na interpretação dada pelos “mestres e fariseus”, principalmente por causa da contradição entre o que ensinam e os que fazem.

A vontade do Deus de Jesus é a vivência da *shalôm* nas relações comunitárias e sociais, na prática de fazer o bem a todos, até mesmo ao agressor ou “inimigo” (Cf. Mt 5,43ss). É a instauração de relações harmoniosas, de relações perfeitas e completas, relações em que reina a *shalôm*. Mas como tal, essa realidade é ao mesmo tempo dom e compromisso. Como dom, temos a certeza de que é uma realidade possível; mas que exige do homem e da mulher um compromisso no processo de sua instauração. Um processo que se inicia

⁹⁹ Como também em Lv 24,20: “fratura por fratura, olho por olho, dente por dente; como ele tiver desfigurado a algum homem, assim se lhe fará.”; ou ainda um texto mais forte seria o de Dt 19,18-21: “Os juizes procederão a inquéritos aprofundados; eles descobrirão que a testemunha é uma testemunha mentirosa; acusou seu irmão com fraude. Tratá-lo-eis do mesmo modo como ele pretendia tratar seu irmão. Eliminarás o mal do teu meio. O resto do povo ouvirá falar do caso, temerá, assim se deixará de fazer o mal em teu meio. Não terás pena: vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé.”

¹⁰⁰ Cf. Mt 5,20: “Pois eu vos digo: se a vossa justiça não ultrapassar a dos escribas e dos fariseus, de modo algum entrareis no Reino dos céus.”

¹⁰¹ Cf. G. BARBAGLIO, op. cit. p. 118, na tradução que faz do texto de Mt 5,20: “Eu vos declaro que se a vossa obediência à vontade de Deus não supera a observância dos mestres da lei e dos fariseus, não entrareis no Reino dos céus.”

justamente pela superação da lógica da violência, que é a de retribuir com mais violência,¹⁰² pela lógica de “não resistir ao mau” (cf. Mt 5,39).¹⁰³

Em Mt 5, 38-42 vemos o desejo de Jesus de interromper a espiral de violência, não por uma atitude de aceitação passiva, mas como defensores e iniciadores de uma dinâmica ativa de não-violência.¹⁰⁴ E essa dinâmica deve ser vivida nas situações concretas da vida. Por isso, as quatro sentenças de Mt 5,38-42 estão baseadas em fatos tirados do cotidiano dos ouvintes de Jesus.¹⁰⁵ Nessas situações reais é que se deve viver efetivamente a lógica da não-violência,¹⁰⁶ para que se possa vencer o mal pelo bem (Rm 12,21)

Vale ainda afirmar que as diretrizes de Jesus não implicam em uma resignação passiva. Na realidade, elas indicam a necessidade de, positivamente, ir ao outro extremo da violência, ou seja, uma atitude de amor incondicional, que não retribua na mesma moeda da violência, e que por esse posicionamento, acabe de levar o outro à conversão de seus atos.¹⁰⁷ O verdadeiro amor deve levar a pessoa à uma atitude ativa de ir ao encontro do outro, na intenção de convertê-lo em um “irmão”,¹⁰⁸ em um “filho da paz” (cf. Mt 10,12s).

E se esse outro for um “inimigo”? Como proceder? Novamente, o modo de proceder do Deus de Amor e de Paz nos revela o caminho. Ou seja, do mesmo modo como a atitude de Deus para conosco superou a mera proporção de nossa violência, cujo ápice é a morte de seu Filho. Nessa morte, como máxima expressão de seu amor, Ele nos deu a vida.¹⁰⁹ Assim também vale para a relação para com o “inimigo”. Esse é o modo de agir do Pai, que ama igualmente os

¹⁰² Como afirma G. LOHFINK: “A intenção das quatro sentenças é evidente. (...) Não responda à violência com violência! Quando é cometida injustiça contra você, porém, não fique passivo e sem fazer nada! Vá ao encontro do seu adversário. Responda à sua coação ou brutalidade com bondade transbordante. Talvez, deste modo, consiga recuperá-lo.” Op. cit. p. 77.

¹⁰³ Na tradução de G. BARBAGLIO, op. cit. p. 126: “não vos vingueis de quem vos faz o mal.”, pois o verbo “resistir” tem o sentido de vingança, ou, como na nota da TEB, “de revidar, devolver um golpe com outro”.

¹⁰⁴ R. COSTE, op. cit. p. 103.

¹⁰⁵ G. LOHFINK, op. cit. p. 77.

¹⁰⁶ R. COSTE, op. cit. p. 103.

¹⁰⁷ Idem, p. 104.

¹⁰⁸ G. LOHFINK, op. cit., p. 80.

¹⁰⁹ Cf. G. BARBAGLIO, op. cit. p. 236-237.

“justos” e os “injustos”, pois sua paternidade, expressão maior de seu amor, é para toda a humanidade.¹¹⁰

A ética da paz e da não violência no Sermão da Montanha encontra no texto de Mt 5,43-48 um de seus pontos culminantes: o “amor ao inimigo” como a radicalidade do amor ao próximo.¹¹¹ Um amor radical que se fundamenta no Amor incondicional de Deus, pois quando o homem ainda era “pecador” e “inimigo” de Deus, Ele nos enviou seu Filho, que nos reconciliou com Deus.¹¹²

Esse mandamento, por sua própria dimensão universal, nos move não somente a amar todos aqueles que, aos nossos olhos, são nossos inimigos.¹¹³ Sua principal intenção é, justamente, mudar nosso modo de olhar o outro. Ele nos leva a superar nossos sentimento de inimizade por uma atitude de benevolência, ou seja, de abertura, de perdão e busca reconciliação.¹¹⁴

Se o egoísmo humano e as suas estreitas relações de interesse impõem uma barreira a esse tipo de amor, sempre se deve ter em mente que o Deus de Amor e de Paz é fundamento desse amor, e o modo como Ele nos ama é o motivo para nosso desafio de assim também amar.¹¹⁵

Mas, dentro de um realismo lógico e ético, a perfeição exigida no final da perícopa (Mt 5,48) nos remete, pelo próprio tempo futuro do verbo, à consciência de que tal atitude de amor incondicional e gratuito se concretiza na dinâmica própria da existência humana.¹¹⁶ Logo, a dinâmica da paz e da superação da violência é paralela à dinâmica de humanização, englobando toda a vida, seja pessoal ou comunitária, daqueles e daquelas que querem efetivamente seguir os passos de Jesus Cristo.¹¹⁷

Mas essas exigências não cabem só ao indivíduo. Este deve encontrar acolhida no meio daqueles que aceitaram a mensagem de Jesus e que por isso

¹¹⁰ R. COSTE, op. cit. p. 87.

¹¹¹ Idem, p. 86.

¹¹² Cf. Rm 5,7-10.

¹¹³ Cf. R. COSTE, op. cit. p. 111.

¹¹⁴ Idem, p. 111. Como diz o texto de Mt 5,43-48: orar e saudar; ou como em Lc 6,27s: fazer o bem, bendizer e orar.

¹¹⁵ R. COSTE, op. cit. p. 112.

¹¹⁶ Cf. idem, p. 113.

¹¹⁷ Cf. M. DUMAIS, op. cit. p. 57: “A ética da perfeição cristã é uma ética do vir a ser: é progressivamente que imitaremos a perfeição do Pai e que nos tornaremos verdadeiramente seus filhos pela nossa maneira de ser e de agir.”

formam uma família: são esses os “filhos da paz”.¹¹⁸ Desse modo, a comunidade cristã deve testemunhar ao mundo que a paz é possível, fazendo brilhar suas boas obras (Mt 5, 14ss) de relações sociais marcadas pela paz, criando uma nova ordem social:¹¹⁹ a ordem do Reino de Deus, Reino de paz, onde devem reinar as estruturas de fraternidade e reconciliação.¹²⁰

De uma forma mais ampla, podemos ver como a paz se relaciona com outras dimensões da fé e da reflexão cristãs. Assim, vamos desenvolver a seguir alguns pontos que nos permitem ver como a teologia da paz no NT, em sua perspectiva crística, lança raízes em aspectos diversos da fé e da esperança cristã.

4.4.2. A paz como expressão da comunhão fraterna

Do relacionamento com Deus descrito anteriormente, deriva necessariamente o posicionamento com relação ao próximo. E é no amor ao próximo que o amor a Deus se torna visível e mostra toda a sua autenticidade (cf. 1Jo 4,20). Da mesma forma, é vivendo em paz que o Deus da paz se torna presente (2Cor 13,11).¹²¹ A paz com Deus reflete-se no relacionamento comunitário. E assim como o Pai é o “Deus da paz” (1Cor 14,33), a comunidade dos filhos desse Pai é chamada a viver em paz, tendo como objetivo o bem comum da comunidade.¹²²

Assim sendo, conforme o texto de Rm 14,17, a comunhão fraterna como expressão da paz é o elemento que define em que consiste a ética do Reino de Deus, ou seja, não é uma “questão de comida ou bebida” mas sim de “justiça, paz e alegria no Espírito Santo”. Nesse sentido, o Apóstolo Paulo quer indicar aos membros da comunidade que o Reino de Deus não depende daquilo que se come

¹¹⁸ G. LOHFINK, op. cit. p. 80.

¹¹⁹ Idem, p. 82.

¹²⁰ Idem, p. 82. Vale ter em vista a necessária abertura para a realidade na interpretação do mandamento da não-violência do Sermão da Montanha. Assim, conforme afirma R. COSTE, op. cit. p. 109, “uma interpretação aberta, fazendo apelo à nossa responsabilidade concreta dentro das circunstâncias mais variadas, mas com a convicção de que nós devemos nos esforçar para concretizar, na medida do possível [esse mandamento], e de contribuir assim à promoção de uma cultura de não-violência.”

¹²¹ R. COSTE, p. 85

¹²² Idem, ibidem.

ou bebe, e muito menos da imposição de um hábito alimentar.¹²³ O Reino de Deus é construído pela justiça, paz e alegria entre os homens. Estes três elementos se relacionam outros existentes no texto de Rm 14.

Assim, a justiça está em relação ao cuidado que cada membro da comunidade deve ter para com os outros, para que ninguém seja juiz do outro, ou causa de escândalo (cf. Rm 14,13); a alegria se entende em relação à tristeza causada pela opção alimentar de alguma pessoa (Rm 14,15); e a paz é o elemento catalisador, é a expressão da concórdia que deve ser parte essencial do Reino, ou seja, ela “acena à circunstância de que no reino de Deus jamais pode haver ofensa, desventura ou discórdia.”¹²⁴

Confirmando essa intuição, mais adiante, Paulo adverte para a necessidade de se buscar a paz e a edificação mútua, para que a obra de Deus não seja destruída (Rm 14,19s).¹²⁵ Assim sendo, a paz e a edificação da comunidade, mais que bons exemplos, são, na realidade, expressão da vontade salvífica de Cristo, pois é por sua Morte e Ressurreição que a paz é estabelecida¹²⁶ (Cl 1,20 Ef 2,14ss). Vontade salvífica que a comunidade cristã manifesta concretamente no cumprimento de sua vocação para a paz.¹²⁷

Essa vocação revela o modo de ser da humanidade nova, de todos aqueles e aquelas que querem assumir em suas relações sociais o “novo tipo de humanidade proposto por Jesus”.¹²⁸

A paz como a concórdia entre as pessoas é um sentido fundamental do NT,¹²⁹ de tal forma que em diversos textos, o termo *eirene* passa a designar a concórdia, a reconciliação e a unidade entre as pessoas.¹³⁰

Na verdade, o sentido de paz como “concórdia entre os homens” também é uma característica da literatura rabínica, para quem *shalôm* designa a harmonia e o bom relacionamento entre os indivíduos. Segundo W. FORESTER, para essa

¹²³ W. FOERSTER, op. cit. col. 233.

¹²⁴ Idem, ibidem.

¹²⁵ Vale notar que em certos textos a literatura paulina usa de uma linguagem metafórica de “construção”: 1Cor 3,9; 14,5.12.26; 2Cor 13,10; Ef 2,21; 4,12.29.

¹²⁶ R. COSTE, op. cit. p. 98.

¹²⁷ Cf. J. L. McKENZIE, op. cit. p. 705.

¹²⁸ R. COSTE, op. cit. p. 119.

¹²⁹ W. FOERSTER, op. cit. col. 221.

¹³⁰ At 7,26; Gl 5,22; Ef 4,3; Tg 3,18. Cf. W. FOERSTER, op. cit. col. 221.

literatura a busca da paz, ou seja, a busca da *shalôm* entre as pessoas, além de ser uma realidade concreta, é uma tarefa de grande importância: essa é a verdadeira obra do pacificador.¹³¹ Para termos uma idéia da importância do ato de inserir a paz entre os homens para a literatura rabínica, basta dizer que uma está para a outra como o “mandamento do amor” está para o NT.¹³²

Assim, podemos ver que no NT, a paz como expressão da comunhão entre as pessoas, levando-as ao entendimento entre si, trata-se, na realidade, de algo muito concreto e efetivo, como o é, dentro do NT, o mandamento do amor.¹³³ Sendo uma realidade concreta, ela nos remete àquelas situações em que algum conflito cria discórdias entre as pessoas, a fim de superar as discórdias, através do entendimento, instaurando a concórdia e a harmonia e restaurando as relações.

Com isso, a paz se torna o ideal de uma humanidade fraterna e solidária. Tal como o desejo do Criador, o Deus da paz e não da desordem e do caos (1Cor 14,33), toda a criação encontra na paz sua expressão mais perfeita. E essa paz, entendida como ordem e harmonia,¹³⁴ está em conformidade com a vontade de Deus, pois toda a criação é “boa”¹³⁵. Essa bondade da criação não se restringe tão somente à dimensão ôntica das criaturas: mais do que ser bom, cada ser é criado para o bem, para o bom relacionamento entre todos os seres. A força do adjetivo “bom” está, justamente, na expressão da harmonia da criação.¹³⁶

Enfim, essa visão da paz como harmonia da criação revela a necessária ordem na sociedade, como expressão da vontade de Deus que a tudo criou em e para a “paz”. Igualmente, ela é manifestação da ação salvadora de Cristo, que veio anunciar a boa nova do Reino de Amor e de Paz.¹³⁷

¹³¹ Sobre isso ver: W. FORESTER, op. cit. col. 215.

¹³² Cf. W. FOERSTER, op. cit. col. 215-216.

¹³³ Cf. Lc 10,30-37; Mt 25,31-46; Jo 13,34.

¹³⁴ J. L. McKENZIE, op. cit. p. 705.

¹³⁵ Cf. Gn 1, 4.10.12.18.25.31

¹³⁶ Cf. G. von RAD. **El Libro del Genesis**. Tercera Edición. Salamanca: Sígueme, 1988, p. 73.

¹³⁷ Cf. R. COSTE, op. cit. p. 83.

4.4.3. A paz como compromisso com a justiça.

O texto bíblico de Rm 14,17, visto acima, faz referência a dois elementos fundamentais na pregação dos profetas: a paz e a justiça. No primeiro capítulo deste trabalho, vimos as implicações da relação entre esses dois termos, de como fazem parte do desejo divino para a humanidade, bem como da coerência da fé no Deus de Israel.¹³⁸

Em sua perspectiva crística, a dinâmica da paz exige esse mesmo compromisso com a justiça.¹³⁹ A relação entre ambas é marcada pela mesma declaração de Jesus, ou seja, assim como os “construtores da paz”, os que têm “fome e sede de justiça”, como os que são “perseguidos por causa dela” são chamados de bem-aventurados (cf. Mt 5,6.10).

Notamos anteriormente, que a paz como comunhão fraterna aponta para o ideal de uma sociedade humana solidária, conforma a vontade do criador. Essa vontade se fundamenta no próprio ser de Deus que se faz solidário com a humanidade, e que a ela faz o convite a agir da mesma forma. O que fica claro na pregação dos profetas, principalmente na exigência da justiça.

Vale indagar agora, na experiência de uma nova humanidade, em que consiste a vivência da justiça, a partir da prática de Jesus e de sua pregação sobre o Reino. É no Sermão da Montanha que encontramos em que consiste a justiça na pregação de Jesus.

Já observamos que uma das Bem-aventuranças se refere aos construtores da paz (Mt 5,9), e de como que ela se refere à obra dos que efetivamente trabalham para a reconciliação entre as pessoas. Mas aqui, vale ressaltar a relação entre a sétima e a quarta Bem-aventurança. Assim, os construtores da paz são aqueles que, além da perspectiva de reconciliação entre as pessoas, movidos pela “fome e sede de justiça”, trabalham pela criação de condições favoráveis ao desenvolvimento da pessoa enquanto ser humano, ou seja, por uma “justiça humana integral”.¹⁴⁰

¹³⁸ Ver o ponto 2.4.5. A relação entre a justiça e a paz.

¹³⁹ R. COSTE, op. cit. p. 100

¹⁴⁰ M. DUMAIS, op. cit., p. 34.

Essa concepção supera nosso modo de ver a justiça meramente como aplicação de uma lei ou do direito.¹⁴¹ Na verdade, a exigência de Jesus vai mais longe. Ele nos pede um modo de ser e de agir de acordo com uma “justiça superior”, que ultrapasse nosso comodismo (cf. Mt 5,20) e nos faça agir e ser justo como Ele o é: viver a vontade do Pai, ou seja, a plenitude do amor.¹⁴² Assim, praticar a justiça é viver de acordo com a nova lei do amor (cf. Jo. 13,34; 2Jo 5). Nisto consiste a nova justiça,¹⁴³ em que o amor total ao outro é a referência fundamental e o critério de autenticidade do desejo de bem querer para como o outro (cf. Mt 7,12).¹⁴⁴

Para que esta relação entre a paz e a justiça não se reduza a uma abstração, devemos notar que no evangelho de Mateus a justiça designa o modo de ser, uma ética coerente com a fé no Reino de Deus.¹⁴⁵ Essa ética já está presente em textos do Antigo Testamento, principalmente dos profetas. O ponto fundamental é o respeito à vida, que, como um dom de Deus, é um bem inviolável. Por isso, cumprir a justiça querida por Deus é proteger a vida em todas as suas instancias,¹⁴⁶ e nesse caso, a injustiça é sempre uma violência contra o ser humano.

Nessa perspectiva, o próprio Jesus é o exemplo de uma vida comprometida com a justiça. Em sua prática de amor e serviço ao Reino de Deus, ele cumpriu toda a justiça se fazendo próximo dos excluídos, dos pequenos e dos pobres,¹⁴⁷ agindo não apenas em favor de uma “justiça retributiva”, mas sim de uma “justiça re-criativa”,¹⁴⁸ que faz o homem viver a vida em toda a sua plenitude (cf. Jo 10,10).

¹⁴¹ **Justiça.** *S. f.* **1.** Conformidade com o direito; a virtude de dar a cada um aquilo que é seu. **2.** A faculdade de julgar segundo o direito e a melhor consciência. ... Cf. Aurélio Buarque de Holanda FERREIRA. **Dicionário da Língua Portuguesa.** 1^a. edição, 2^a. reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

¹⁴² R. COSTE, op. cit. p. 100.

¹⁴³ M. DUMAIS, op. cit. p.30.

¹⁴⁴ R. COSTE, op. cit. p. 100.

¹⁴⁵ Desse modo é que M. DUMAIS vai intitular todo o Sermão da Montanha (Mt 5-7) de “A Justiça do Reino do Pai”, op. cit. p. 19.

¹⁴⁶ R. COSTE, op. cit. p. 64.

¹⁴⁷ I. NEUTZLING, op. cit. p. 190.

¹⁴⁸ Idem, ibidem.

A prática de Jesus nos revela a justiça do Reino de Deus,¹⁴⁹ reino de justiça, paz e alegria (Rm 14,17). Ser cristão é espelhar-se nessa prática, que se coloca como uma exigência para todo aquele que quer ser seguidor de Jesus,¹⁵⁰ e ser efetivamente um “artífice da paz”, através de uma atitude concreta, eficaz e solidária¹⁵¹ em favor de uma nova vida (Mt 25,31-46). Desse modo, se manifesta o plano salvífico de Deus e sua ação libertadora e vivificadora,¹⁵² bem como a dimensão da paz como salvação integral da pessoa.

4.4.4.

A paz como expressão da salvação integral do homem

A salvação integral da pessoa é um dado da realidade escatológica do NT. Esta, por sua vez, é anunciada aos homens pelo nascimento do Messias, que está em conformidade com a expectativa messiânica do AT, como vimos nos relatos da infância de Jesus (Lc 1,79; 2,14). Não só o “Salmo profético de Zacarias” como também o “louvor dos anjos” expressam mais que uma simples saudação. Expressam a certeza do cumprimento de uma promessa: a era escatológica do Messias é inaugurada, ela entra no tempo da humanidade. Enfim, a paz designa a chegada da salvação, que se faz presente entre os homens.

A presença e atuação da salvação escatológica se dá na própria pessoa do Filho de Deus que se faz “filho do homem”.¹⁵³ Em sua humanidade está a certeza de que essa salvação atinge não só todos os homens, todos os bem-amados por Deus, mas atinge o homem todo, ou seja, o homem integralmente.

A paz como salvação é alcançada no encontro e aceitação do próprio Jesus em sua humanidade: Ele mesmo é essa paz (cf. Ef 2,14). É por isso que, como vemos em Lc 19,42, Jerusalém, a “cidade da paz”, não consegue encontrar a verdadeira paz, pois não aceita a pessoa de Jesus.

¹⁴⁹ J. R. JUNGES. *A ética de Jesus e os cristão*. In: M. F. AQUINO (org.). **Jesus de Nazaré: profeta da liberdade e da esperança**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1999, p. 222.

¹⁵⁰ Idem, *ibidem*.

¹⁵¹ Cf. I. NEUTZLING, *op. cit.* p. 191.

¹⁵² J. R. JUNGES, *op. cit.* p. 222.

¹⁵³ Conforme W. KASPER, *op. cit.* p. 241, o que o NT quer afirmar com essa expressão é o “significado salvífico desse verdadeiro ser homem”, ou seja, que nele, concreta e existencialmente, Deus “falou e atuou de maneira escatológico-definitiva” na história humana.

Segundo W. FOERSTER, há uma relação entre a paz e a própria salvação, ou seja, entre *eirene* e *soteria*. Nesse sentido, a paz faz parte da realidade salvífica,¹⁵⁴ ou mesmo, pode exprimir o conteúdo da salvação no NT.¹⁵⁵ Ela, que se faz presente entre os homens na pessoa do Filho de Deus, feito filho do homem (Lc 2,14), é a mesma paz aclamada como presente no céu (Lc 19,38b), que na realidade é a própria salvação descrita nos textos de Ap 12,10; 19,1. Identificada com a pessoa de Jesus, e com sua pregação, pois ele nos revela a “boa nova da paz” (At 10, 36), o “evangelho da Paz” (Ef 6,15, cf. 2,17).

A paz concedida por Jesus (Jo 14,27), que vemos também na boca dos discípulos (cf. Mt 10,12s; Lc 10,5s), é um dom: é, em realidade, a vida nova, a salvação. Esta salvação, em toda a sua plenitude, não se restringe a uma realidade futura sem conexão com a vida presente do discípulo de Cristo. Se dissemos que há uma relação entre *eirene* e *soteria*, devemos concordar que, assim como a paz é um conceito que abrange toda a existência da pessoa, como vimos ser o termo *shalôm*, de igual modo a salvação não elimina, mas abrange a vida concreta: salvação é vida plena, é a vida em abundância (cf. Jo 10,10).

Nessa perspectiva da salvação que abarca toda a realidade da vida humana, a paz se identifica com a vida, pois o “Espírito tende para a vida e a paz” (Rm 8,6). Na perspectiva da era escatológica inaugurada pela vinda do Filho de Deus, no contexto da paz salvífica, a vida, à qual se refere Paulo no versículo acima, expressa a condição da nova criação.¹⁵⁶ Ou seja, é a plenitude da existência humana, totalmente realizada na abertura ao Espírito do Ressuscitado.

Na concepção vétero-testamentária, a plenitude da vida expressa pelo termo *shalôm*, que de início se exprimia no bem-estar, na prosperidade e na tranquilidade de uma vida realizada, em termos concretos e materiais, no aqui e agora, chega a um sentido mais amplo ao designar a própria expectativa messiânica: os novos tempos que virão com a chegada do Messias, que restaurará a criação. O mesmo ocorre com o termo *eirene*.

¹⁵⁴ W. FOERSTER, op. cit. col. 224-225

¹⁵⁵ Cf. H. CONZELMANN. *Théologie du Nouveau Testament*. Paris: Ed. du Centurion; Genève: Labor et Fides, 1969, p. 336. Citado por: R. COSTE, op. cit., p. 118.

¹⁵⁶ W. FOERSTER, op. cit. col. 227.

Como afirma W. FOERSTER, “*eirene* assume o significado mais compreensivo e profundo só quando passa a designar a salvação escatológica do homem inteiro”.¹⁵⁷

Esse significado amplo do termo *eirene* só é possível na perspectiva da Ressurreição de Jesus. Ela marca toda a experiência da fé das comunidades do NT, inclusive sua percepção do pleno sentido da paz que o Filho de Deus nos trouxe.

4.4.5. A paz na perspectiva do Reino escatológico

Dissemos que a paz entre os homens é algo efetivo. Ela não é um conceito teórico ou abstrato, mas uma exigência histórica e concreta. O mesmo se pode dizer dentro de sua perspectiva cristã. Contudo, essa dimensão histórica não pode reduzir e aprisionar o conceito de paz à sua imanência. Por isso, percebemos que essa dimensão existencial do termo *eirene* deve ser vista, igualmente, dentro de uma outra perspectiva, já presente na literatura do AT: a visão da paz como uma realidade escatológica.

Portanto, a paz como reconciliação entre os homens está inserida na dinâmica do Reino de Deus, como uma realidade presente, mas ainda em construção, como “já e ainda não”. Ou seja, é uma urgência de nosso mundo, de nossa condição nesta vida, mas que não se limita às nossas contingências, e muito menos se resume a um ato caduco e sem futuro: a paz está inserida na obra de Salvação.

Na visão cristã, podemos dizer que há uma correlação entre a reconciliação entre os homens e a reconciliação entre o homem e Deus. Conforme Mt 5,23, a reconciliação com Deus exige a paz entre os homens. Ao mesmo tempo, essa paz entre os homens é possível mediante a unidade estabelecida por Jesus,¹⁵⁸ já que com Ele e por Ele o “ódio” foi destruído (Cf. Ef 2,14) e a paz reina nos corações (Cl 3,15).

¹⁵⁷ W. FOERSTER, op. cit. col. 230.

¹⁵⁸ Cf. X. LÉON-DUFOUR. *Paz*. In: _____ et al. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Petrópolis: Vozes, 5ª ed., 1992, col. 733.

Deste modo, podemos afirmar que a paz é possível. Mais que isso, ela é uma realidade concreta, como concreta e real é a reconciliação entre as pessoas. Acima de tudo, a paz é possível pela mediação de Jesus Cristo: o Mediador das relações humanas e da humanidade com Deus¹⁵⁹ (Cf. Cl 1,20; Rm 5,1), que nos veio anunciar, em definitivo, o “Evangelho da paz” (Ef 6,15) a boa notícia de que a salvação é, em suma, a plenitude da paz.¹⁶⁰

A possibilidade da instauração e vitória da paz nos é dada pela própria certeza da palavra eficaz de Deus. Tal certeza faz parte da esperança apocalíptica da vitória do Reino da paz sobre o mal.¹⁶¹ Numa alusão a Gn 3,15, o texto de Rm 16,20 fala da vitória do “Deus da paz” sobre satanás. Se a vitória é da paz, seu inimigo é todo e qualquer tipo de violência que impede a concretização do Reino da paz e a plena realização de todas as potencialidades do ser humano.¹⁶²

Por fim, vale observar que ao nos revelar que a paz é um elemento constitutivo do Reino de Deus, que assim o é, porque o próprio Deus é Amor e paz, conseqüentemente, a vida cristã se caracteriza pela realização efetiva desse amor e dessa paz. Essa realização se torna efetiva na medida em que a pessoa se aproxima ao modo de vida de Jesus Cristo. Isto é, na medida em que a pessoa se abre à sua graça salvífica, e busca viver de acordo com a qualidade de vida proposta por Jesus. Esta qualidade de vida se funda na vivência das relações fundamentais, descritas na Teologia da Criação, e que constituem o modo de

¹⁵⁹ H. BECK; C. BROWN, op. cit. p. 1596.

¹⁶⁰ Conforme afirma H. CONZELMANN, “O conteúdo da salvação pode ser definida em todo o Novo Testamento pela paz”. *Théologie du Nouveau Testament*. Op. cit., p. 336. Citado por: R. COSTE, op. cit. p. 118.

¹⁶¹ R. COSTE, op. cit. p. 85.

¹⁶² Essa perspectiva de realização plena do humano é vista, na escatologia de L. BOFF, identificada com o céu: “Diante do céu deveríamos calar. Estamos diante da absoluta realização humana. Encontramo-nos não mais no limiar mas já dentro da casa do amor e da pátria da identidade. Tudo o que o homem sonhou, tudo o que suas utopias lhe projetaram, tudo o que estava abscondido em sua natureza e que se contorcia para vir à luz, agora desabrocha e floresce.” **Vida para além da morte: o presente: seu futuro, sua festa, sua contestação**. Petrópolis: Vozes, 17ª. ed., 1998, p. 67. Esta visão de que o desenvolvimento das potencialidades humanas se relaciona com os conceitos de violência e paz está presente nas definições destes termos feitas por J. GALTUNG. Assim, de modo geral, a paz se refere à situação onde a pessoa encontra todas as condições de se desenvolver plenamente como pessoa humana, ou seja, é capaz de desenvolver suas potencialidades físicas, mentais e mesmo espirituais; a violência se caracteriza quando a realização pessoal fica abaixo de suas potencialidades. Cf. J. GALTUNG. *Peace by peaceful means*. Oslo, Noruega: Sage/PRIO, 1996. Citado por: **O estado da paz e a evolução da violência: a situação da América Latina**. Centro Internacional de Investigação e Informação para a Paz; Universidade para a Paz das Nações Unidas; tradução: Maria Dolores Prades. Campinas: Ed. UNICAMP, 2002, p. 23-25.

“humanização integral do ser humano”.¹⁶³ Essas relações fundamentais são: a relação com Deus; a relação entre os seres humanos; a relação com o meio ambiente, e a relação da pessoa consigo mesma.¹⁶⁴ E a vida de Jesus foi marcada pela vivência efetiva e plena dessas relações. Por isso, a vida que Ele nos concede é a vida verdadeira.

No seu modo de vida, podemos entender por que a paz na perspectiva crística é acima de tudo “*sim-patia*”. No início deste capítulo, havíamos afirmado que a paz que ele nos concede não é apatia, ou seja, a paz conquistada pela atitude de negação de qualquer tipo de conflito, o que, antropologicamente, só é possível se a pessoa se isolar totalmente, se realmente isso for possível. A paz como *sim-patia* identifica-se com o próprio modo de vida de Jesus: ou seja, um modo de “existir com os outros, junto com os outros e para os outros”.¹⁶⁵

Em uma linguagem mais teológica, podemos nos referir à paz como *sim-patia* na perspectiva do que a cristologia tem refletido sobre a questão da substituição-solidariedade da cruz de Jesus Cristo.¹⁶⁶ O ponto central dessa reflexão está na vida de Jesus, que foi uma existência “para os outros”, ou “para muitos”, como afirma W. KASPER, “Jesus é o homem solidário por antonomásia”.¹⁶⁷ Esta solidariedade se expressa em toda a sua vida terrena, pois desde seu nascimento até sua Morte e Ressurreição, ela foi movida pelo dinamismo do “amor pela humanidade”, “em favor dela” e “em seu lugar”.¹⁶⁸ Assim, a solidariedade ocupa um lugar central em toda a existência terrena de Jesus, a ponto de ser o “centro mais íntimo do seu ser de homem”.¹⁶⁹

¹⁶³ A. G. RUBIO. *Cristianismo: uma religião de sofrimento e morte?* In: **Atualidade Teológica**. Rio de Janeiro. Revista semestral do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Ano I, nº 2, janeiro/junho de 1998, pp. 19-52. Aqui, p. 35.

¹⁶⁴ Sobre essas relações, ver: A. G. RUBIO. **Unidade na Pluralidade**. 2^a ed., São Paulo Paulinas, 1989, p. 131; H. W. WOLFF. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1975, p. 129-131.

¹⁶⁵ A. G. RUBIO. *Cristianismo: uma religião de sofrimento e morte?*, art. cit. p. 48. “Nele [Jesus], encontramos o modelo vivo do que seja viver uma subjetividade aberta. Como sabemos, ele viveu cada instante da sua existência terrena **para-o-Pai e para-os-irmãos e irmãs** (existência relacional), mostrando que este é o caminho da verdadeira e integral humanização do ser humano.”

¹⁶⁶ Sobre essa reflexão ver: W. KASPER, op. cit. p. 265-280.

¹⁶⁷ Idem, p. 267. Esta solidariedade está baseada na fórmula *uper*, encontrada em certos textos como: Mc 10,45; 14,24; Lc 22,19; 1Cor 11,24; 15,3-5.

¹⁶⁸ Cf. W. KASPER, op. cit. p. 267.

¹⁶⁹ W. KASPER, op. cit. p. 267. W. KASPER, op. cit. p. 267.

A solidariedade humana entra na dinâmica do Reino de amor e de paz. E como tal, encontra seu fundamento na solidariedade de Deus para com a humanidade. E em uma sociedade onde a violência põe a vida em constante perigo, chegando mesmo a impedi-la de se desenvolver plenamente em suas potencialidades, o anúncio do “Evangelho da paz”, em toda a dimensão que buscamos expor neste trabalho, é o modo de exercer essa solidariedade com os homens as mulheres de hoje,¹⁷⁰ em suas alegrias e, principalmente, em suas tristezas.

Este é o ponto original e fundamental que a teologia da paz no NT, especificamente em sua perspectiva crística, nos apresenta como base para qualquer desenvolvimento de uma teologia cristã da paz.

¹⁷⁰ “A solidariedade de Deus com os homens, revelada e realizada em Jesus Cristo, fundamenta uma nova solidariedade entre os homens. Por isso, a idéia cristã de substituição indica aos cristãos e às igrejas que o mundo é o lugar de seu serviço e os obriga a colaborar um uma nova ordem de paz na liberdade, dirigido pelo pensamento da solidariedade. O amor cristão, que aceita incondicionalmente todo homem, na imitação do amor de Deus, se converte, pois, ao mesmo tempo, em compromisso incondicional pela justiça para todos.” W. KASPER, op. cit. p. 280.